

De pai para filha: as contribuições do pai na construção da identidade da mulher

Ana Carolina Falcone Garcia*

Resumo

Este artigo aborda a relação pai e filha, cujo foco está na importância do pai para a construção da identidade da filha, principalmente no que se refere às influências de como ela age no mundo. A compreensão da dinâmica pai-filha foi baseada na psicologia analítica junguiana. Procuramos destacar de que forma determinadas peculiaridades da relação pai-filha podem interferir na maneira como ela age no mundo, suas seguranças, medos, posturas, tanto em relação ao trabalho como em relação aos homens e relacionamentos com o sexo masculino. Percebemos que o pai e seus representantes são significativos na vida da filha para o seu desenvolvimento psíquico. Dessa forma, os vínculos estabelecidos com o pai podem contribuir positiva ou negativamente na maneira como a mulher atua na vida. O fator que promove a diferença é a forma como ela estabelece sua relação com o pai pessoal, uma vez que é a característica individual dela que permite o filtro necessário para a separação do pai.

Palavras-chave: mulher; relacionamento com o pai; arquétipo do Pai.

Abstract

This article boards the relation between father and daughter whose focus is centered in the importance of the father for the construction of the identity of the daughter, principally in what it refers to the influences of her acts in the world. The understanding of dynamic father-daughter is based on the Analytical Psychology Junguiana. We tried to point out in which form some peculiarities of the relation father-daughter can interfere in the way she will act in the world, her securities, fears, and relationships with men. We realized that

* Psicóloga Clínica. Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP- Núcleo de estudos junguianos. Professora de Psicologia Analítica do curso de Arteterapia da Universidade São Marcos – campus Paulínia. Artigo reelaborado a partir da dissertação de mestrado. acfalcone2007@hotmail.com

the father is significant in the daughter's life in her psychological development. In this form, the bonds established with the father can contribute positively or negatively for the way as the woman is going to act in her life. The factor that promotes the difference is the form as she establishes her relation with the personal father, once what is her individual characteristic that it allows the necessary filter for the separation of the father.

Keywords: *woman; relationship with the father; archetype of the Father.*

É muito comum ouvirmos sobre os filhos e suas heranças parentais. Sobre as qualidades e os “defeitos” adquiridos do pai, da mãe ou dos avós. Em geral, procuram-se repostas às atitudes e comportamentos dos filhos nos aspectos aprendidos, vivenciados ou herdados das relações parentais e familiares.

Muitos estudos atuais preocupam-se com as contribuições da relação mãe-filho(a) para a psique dos filhos. Contudo, poucos trabalhos apontam para a colaboração da figura paterna ou representante no que se refere à construção da identidade dos mesmos. E o que dizer especificamente dessa relação para a construção da identidade da mulher? Muito pouco a Psicologia tem estudado esse tema.

Por muitos anos, a Psicologia preocupou-se com o estudo do desenvolvimento infantil e, por conseqüência, com a compreensão da mãe na vida dos filhos. Pouco se fez sobre o pai.

Um estudo com mulheres jovens (Garcia, 2006) procurou destacar a influência do pai na construção da identidade da mulher. Alguns dos dados observados nessa pesquisa apontam para uma discussão sobre as influências que o pai pode ter no posicionamento e na atuação profissional da filha no mundo do trabalho.

Além dessa informação, a observação atenta de algumas mulheres em consultório trouxe à tona a necessidade de se olhar mais cautelosamente para a relação pai e filha, uma vez que a presença de alguns padrões de relacionamento afetivo entre o pai e a filha pode constelar determinadas características na psique da menina.

Para Jung, os comportamentos humanos podem ser compostos por padrões originários a que ele deu o nome de arquétipos. Segundo Jung, os arquétipos são considerados os “tipos arcaicos” que permitem a orientação do homem no mundo. Jacobi descreve o arquétipo como sendo:

[...] “imagens originárias”, [as quais] Jung compreendia naquele tempo, [por] todos os motivos oriundos da mitologia, das lendas e dos contos, capazes de expressar, num retrato vivo, os comportamentos comuns do homem, que sempre podemos encontrar de novo como motivos típicos pela sua essência e que ocorrem no mundo inteiro; esses “motivos”, na história do homem se apresentam sob formas incontáveis, nas antigas imaginações dos povos primitivos, nas idéias religiosas de todos os povos e culturas e até mesmo nos sonhos, visões e fantasias dos indivíduos modernos. (1957, p. 39)

Considerando que o arquétipo está presente no inconsciente coletivo e, portanto, não pertence à consciência do indivíduo, Jacobi (ibid.) acrescenta que não podemos ter acesso ao arquétipo em si, mas à sua manifestação, que se dá através da imagem arquetípica. Ou, em outras palavras, somos nós que preenchemos o arquétipo com os conteúdos de nossa consciência (Grimberg, 2006, p.100).

Dando seguimento à compreensão de Jacobi (1957), os arquétipos são princípios reguladores, prontidões que vão compor a rede psíquica e que são inevitáveis no seu fundamento, porém em constante transformação na fenomenologia. Os arquétipos se manifestam de diferentes formas, mas o dinamismo básico permanece.

O ARQUÉTIPO DO PAI E A RELAÇÃO COM O PAI PESSOAL

Com base nessa idéia de arquétipo, então, o arquétipo do Pai refere-se à imagem de Pai decorrente dos tempos e é portador das seguintes características: a normatização, a uniformização, a lei, a valoração, a organização e encarna, pois, a consciência, a razão e o conhecimento. Ele é um representante da discriminação, da polarização e da força divina espiritual. As imagens arquetípicas do Pai portam as abstrações dos muitos papéis paternos possíveis que um homem pode assumir numa família (Colman e Colman, 1995).

Conforme refere Whitmont, o pai pessoal ou os portadores dessa função na vida de uma pessoa acabam sendo representantes parciais dessa realidade arquetípica, cujo significado pode ser muito maior:

Nossos relacionamentos com os arquétipos assim constelados e representados afetam nossos relacionamentos não apenas com as pessoas que carregam as imagens para nós, mas também com o mundo todo. A amplitude dinâmica de seu funcionamento inclui: como pai — espírito, Logos, ordem, lei, atividade; como mãe — vida, emotividade, receptividade; como herói — ousadia, iniciativa, etc. (1994, p. 95)

Não podemos deixar de abordar que a relação pai-filho é composta pela dimensão pessoal e pela dimensão arquetípica, sendo carregada de projeção de ambas as partes:

[...] a representação de uma pessoa é constituída, primeiramente, pela imagem que ela recebe da verdadeira pessoa, e depois, de uma outra imagem resultante da elaboração subjetiva da primeira imagem. (Jung, 1988, § 37, p.16)

É a partir da relação com o pai pessoal que as polaridades do arquétipo do Pai podem ser consteladas na psique do filho(a). Os arquétipos estão sempre presentes no inconsciente e são ativados (constelados) se algo da experiência vivida fizer um “gancho” com o conteúdo arquetípico, de forma a promover uma vivência que leve ao desenvolvimento psíquico, rumo ao processo de individuação de cada um.

De modo geral, há pouca bibliografia que aborde o tema do pai. Na obra de Jung, existem poucas referências à figura paterna e à sua influência na relação com os filhos. Há apenas um artigo que diz respeito à importância do pai para o destino do indivíduo. As demais referências precisam ser vasculhadas em toda a obra e são poucos os momentos em que se encontra um destaque para a importância do pai, além dos já mencionados.

Lima Filho (2002) faz um levantamento da obra de Jung e ressalta a avaliação dele da influência dos pais na constituição das atitudes dos filhos como algo significativo. Destaca ainda que, com base na experiência clínica de Jung, o que se observa é que o fator mais importante está diretamente relacionado com a disposição interna da criança.

Sendo assim, Jung (1998), em seu artigo sobre a importância do pai, coloca que é por meio da relação com os pais que a humanização da imagem dos Pais arquetípicos se torna possível. Em outras palavras, a constelação do arquétipo do Pai decorre de experiências pessoais nas quais esses aspectos pertencentes ao Pai arquetípico serão vivenciados na dimensão real, pessoal da vida desse indivíduo.

Percebemos, com a colocação acima, que um dos primeiros aspectos significativos do pai pessoal é sua capacidade para humanizar o arquétipo paterno. É pela humanização dos aspectos arquetípicos do Pai, que se realiza na vivência com o pai pessoal, que os aspectos arquetípicos serão estruturados na psique da(o) filha(o). Sendo assim, quanto mais ausente for o pai, menor é a chance de a humanização ocorrer, permanecendo as referências das imagens culturais de pai. A ausência de referência humanizada pode gerar falta de estrutura interna, isto é, como o arquétipo não foi humanizado, as referências dos quais ele é portador não se estruturam adequadamente na psique do indivíduo. Como consequência, a pessoa fica confusa, apresentando dificuldade em traçar objetivos, em fazer escolhas, reconhecer o que é bom para si mesma: sente-se insegura.

Outra função do pai pessoal no desenvolvimento dos filhos é a de atuar na separação dos filhos em relação à mãe, rompendo a simbiose dessa relação primal e introduzindo a noção do outro. Para Faria:

[...] o pai é aquele que, primordialmente, veicula as funções arquetípicas do Pai para o infante e introduz a criança no mundo da cultura, e ele, de certo modo, cria um novo mundo em que o regresso à Mãe simboliza o paraíso perdido, onde a criança se sentia completa. O Pai realiza, desta maneira, uma interdição a uma volta total à mãe, o que implica uma proibição do incesto simbólico. (2003, p. 3)

Além dessa função, o Pai arquetípico também se apresenta como portador da Lei, das regras e dos limites; um representante da palavra.

O *Logos*, segundo esse mesmo autor, está ligado à capacidade reflexiva que é instaurada pela função paterna. É ele o responsável simbólico da nossa capacidade de separação; separação para permitir o distanciamento necessário ao reconhecimento do mundo que nos rodeia e favorecer

a reflexão sobre ele. O autor reforça que o *Logos* também une, por meio do discernimento daquilo que pertence à mesma categoria, e separa pela discriminação, pela identificação das diferenças.

O pai, sendo portador do *Logos*, permite ao filho(a) viver a falta instalada na psique, mas também proporciona o desejo de seguir em frente, de forma a atingir o que está faltando.

Para Von der Heydt, a criança vê no pai o mediador entre o mundo externo e o lar.

Sua atitude para com o trabalho, a ambição, o sucesso e a competição afeta e colore a atitude da criança e tanto pode fazê-la desejar crescer como temê-lo. É a força do pai que dá segurança e encoraja a autoconfiança, assim como é a sua autoridade que ajuda a criança a descobrir seus limites. (1979, p. 161)

A RELAÇÃO PAI-FILHA: VÍNCULOS E ASPECTOS ESPECÍFICOS

Existem aspectos específicos que caracterizam a relação pai-filha. Consideramos que o pai é a primeira conexão que a mulher tem em vida com um homem. Desta forma, as referências de relações com homens, amores e a sua forma de agir no mundo são influenciadas pela primeira relação masculina estabelecida em sua vida, que é a relação pai-filha. Assim, o exemplo de masculinidade oferecido pelo pai vai participar também do desenvolvimento das qualidades internas masculinas da filha.

Segundo Stein,

[...] é o pai que primeiro desperta a sexualidade da menina em relação aos homens. O modo como irá reagir aos temores e desejos da filha depende de sua atitude com seu lado feminino, do seu relacionamento com a sua mulher e do relacionamento que teve com a sua mãe. Sua reação influenciará a menina em sua atitude com a vida emocional e em sua relação com os homens. (1979, p. 164)

Para Scull (1992), a maneira como o pai reage no mundo, sua fala e postura precisam estar de acordo com suas ações, para que a filha possa

compreender a mensagem passada. A forma como a masculinidade do pai participa do desenvolvimento das próprias qualidades masculinas internas da filha servirá de auxílio na sua formação como mulher.

Sendo assim, é possível compreender que o vínculo pai-filha tem influência na sua relação com homens, em suas várias possibilidades, como coleguismo, amizade, amor, e na forma como ela se coloca no mundo; e será marcante ao longo da vida dessa filha, uma vez que influenciará a relação dela com as pessoas, com o trabalho, com o sucesso e, principalmente, com outros homens.

Pode-se abordar a influência do pai na vida da filha sob diversos pontos de vista. Leonard (1994) destaca a importância de o pai deixar-se idealizar pela filha, mas também permitir que suas limitações reais sejam vivenciadas por ela, sem que para isso precise afastar-se dela concretamente. A dificuldade está em manter a idealização que é necessária sem cair em uma idealização constante, uma vez que é importante para a filha poder reconhecer os limites do pai.

A idealização faz parte do relacionamento com o pai, mas outros padrões podem se apresentar na dinâmica pai-filha. Gostaríamos de destacar dois tipos: relacionamentos com pais autoritários e com pais ausentes.

O padrão que se refere aos pais autoritários caracteriza-se por um vínculo em que o poder faz parte da relação. Na presença do poder, o diálogo tem espaço reduzido e há falta de uma relação democrática. A ausência de diálogo e a presença da imposição atualizam alguns aspectos do arquétipo do Pai na psique da filha. Assim, as características do Pai referentes à decisão e confiança, diante desse padrão, estruturam-se de forma prejudicada na psique da filha.

Algumas mulheres cujo representante do Pai apresenta características autoritárias demonstram dificuldades na tomada de decisões, na autovalorização, na autoconfiança, levando muitas vezes a buscar essas características ou no próprio pai ou em figuras masculinas que assim representem esse princípio. Os princípios paternos da lei, da valoração, da discriminação ficam vivenciados concretamente na figura do pai ou representante. A filha desse tipo de relacionamento, muitas vezes, não consegue se apropriar dessas características.

E, com isso, o domínio e o poder exercem grande influência sobre a filha; a reação comumente presente é o medo: o temor ao pai e às normas e a tudo o que for representante do universo do Pai. Se o pai não consegue auxiliar a filha no processo de separação psíquica, ocorrerão dificuldades no desenvolvimento psíquico dela.

É possível que a maneira autoritária com que uma relação se estabelece contribua para dificuldades que a filha apresente para impor sua autoridade. Isso pode também levar a seguir o modelo do pai no que se refere à auto-exigência e ao excesso de trabalho.

Na relação com um pai ausente, Leonard (1994) acredita que pode ocorrer uma idealização elevada, uma vez que a ausência permite que fantasias sejam criadas, povoem o imaginário da menina e perdurem ao longo da vida adulta da mulher.

Carter (1992) afirma que as mulheres que possuem pais inadequados ou ausentes apresentam alguma dificuldade no estabelecimento de intimidade no casamento ou no que se refere ao desempenho sexual.

Assim, a relação ausente de pai costuma gerar nas filhas um sentimento de abandono e grande vulnerabilidade em relação à vida, além de proporcionar dificuldades no estabelecimento de vínculos mais íntimos e uma falta de estrutura interna, o que favorece sentimentos de insegurança. A ausência pode acarretar, também, forte idealização do pai e rejeição da mãe. Segundo Carter (*ibid.*), o pai torna-se uma figura idealizada e a mãe fica com as projeções negativas. Por outro lado, a ausência do pai pode gerar também sentimento de raiva, promovendo uma aproximação da filha em relação à mãe e um afastamento ainda maior em relação ao pai. Esse sentimento acaba levando a filha a aliar-se à mãe e a desprezar o pai e ter raiva dele.

A deficiência internalizada de tais aspectos do Pai pode gerar a necessidade de supri-los a partir de estrutura fornecida pelo trabalho ou meio social.

Uma das formas em que a não humanização do arquétipo do Pai pode se apresentar na vida da filha é a grande necessidade de regras externamente definidas. Isso nos reforça que dentro daquela filha as bases fornecidas pelo arquétipo do Pai — normatização, organização, discriminação — são frágeis

e tênues. Como Kast (1997) destaca, o mundo do trabalho e as leis do pai social podem assumir um valor significativo na vida da filha, quando essa apresenta o complexo paterno. Isso pode levar a uma busca criativa por um pai social; uma saída criativa da psique para alcançar os instrumentos que favoreçam o seu desenvolvimento psíquico.

Podem existir, também, outros tipos de relacionamentos com pais ausentes, cuja relação não seja caracteristicamente sem afeto. Isto é, existem relações em que pais, em decorrência do excesso de trabalho, permanecem, a maior parte da vida de suas filhas, ausentes da convivência familiar.

As relações pai-filha em que a idealização do pai é muito presente podem ser decorrentes de relações de pais ausentes, em conseqüência da passividade deles ou também do excesso de trabalho, quando nesses casos, o pai foi o único provedor da família. Nesse tipo de relação em que o pai é uma pessoa presente, mas pouco participativa da vida dos filhos, é comum que ocorra uma idealização do pai e uma negação da mãe e dos aspectos vinculados ao Feminino.

Essa relação pai-filha ausente pode contribuir para dificuldades em estabelecer relações mais íntimas e aprofundadas, tanto com amigos como no trabalho ou nas relações afetivas.

Dessa forma, concordamos com Leonard (1998) ao afirmar que a relação com pais ausentes pode provocar uma idealização acentuada decorrente das fantasias geradas no imaginário infantil e que podem permanecer ao longo da vida adulta.

A debilidade do pai na relação familiar com os filhos pode contribuir para fornecer bases também frágeis de autoconfiança, uma vez que uma das características do arquétipo do Pai é fornecer estruturas referentes à valoração, à consciência, à discriminação e também à segurança. Von der Heydt (1979) enfatiza que a força do pai é fornecedora da segurança e da autoconfiança.

São muitas as possibilidades de relacionamentos entre pais e filhas e de constelações afetivas. Contudo, percebemos que uma relação tipicamente ausente não fornece subsídios para que a humanização do arquétipo do Pai aconteça e, portanto, é a nosso ver o tipo de relacionamento mais prejudicial para a filha.

Observamos, como Zoja (2005), que é necessário *buscar* o pai, não importando se dentro de si ou fora de si. Algumas filhas, criativamente, buscam-no no trabalho, uma vez que em casa a relação com os pais foi ausente ou deficiente.

Sendo assim, consideramos que o pai tem como uma das funções auxiliar a filha a enfrentar seus conflitos. As atitudes dele referentes ao trabalho e ao sucesso profissional auxiliarão nas atitudes da filha.

A necessidade de criar uma *persona* mais fortalecida aparece em mulheres que apresentam uma fragilidade psíquica em relação à imagem do pai, muito comum em filhas de pais ausentes.

Independentemente do tipo de relacionamento construído, quando a mulher estabelece um vínculo negativo com o pai ou substituto, o registro existente fica ferido e pode transparecer na forma de excessos como perfeccionismo, ausência de criatividade, excesso de trabalho, ocasionando uma dificuldade em confiar na sua capacidade relacional ou emocional, sentindo-se sempre insuficiente em tudo o que faz. Nesses casos, na tentativa de buscar a aceitação desse masculino interior, a mulher faz a compensação pelo perfeccionismo ou pelo mergulho excessivo no trabalho para igualar-se a esse homem que tanto almeja alcançar.

Apesar de serem recortes de aspectos diferentes da relação pai-filha, os estudos são convergentes e próximos quando tratam dos aspectos decorrentes dos vínculos estabelecidos na relação pai-filha: quando um pai pessoal não consegue humanizar o arquétipo paterno, seja por ausência ou por limitações pessoais, a figura do pai acaba sendo portadora de alguns símbolos que estarão presentes ao longo da vida da mulher, como destacamos a seguir:

Se ele encoraja os esforços dela para atingir, inspira o crescimento da autoconfiança e ensina suas habilidades, ela irá desenvolver mais facilmente uma auto-estima. Se ele desencorajar seus esforços, minar sua autoconfiança, envergonhar seu corpo ou diminuir suas opiniões pessoais, sua auto-estima será frustrada e poderá levar anos até ela aprender a acreditar em si mesma. (Scull, 1992, p. 99)

Percebemos que o pai é pessoa significativa na vida das mulheres, seja em razão da presença ou da ausência. De alguma forma, ele marca a vida da filha, sendo necessário que ela identifique as teias que regem o relacionamento familiar, tanto com o pai como com a mãe.

A maior parte das mulheres jovens pode ainda se encontrar vinculada de alguma maneira ao pai. Algumas delas já se distanciaram do pai pessoal, mas ainda estão muito próximas ao pai interior (complexo paterno). Contudo, a força com que os complexos parentais podem ainda estar atuando na psique dessas mulheres pode dificultar o desenvolvimento psíquico delas e acarretar uma maior permanência na condição de filha que na condição de mulher. A mulher aprisionada em complexos tem como consequência a insegurança, a baixa auto-estima, o exagero na dedicação ao trabalho (*workaholic*) e o perfeccionismo de sua ação. Além disso, a idealização do pai ainda presente favorece a força do complexo.

Embora muitas mulheres tenham conseguido traçar caminhos pessoais e individuais em relação aos laços familiares, a presença do pai é marca importante em suas vidas. Seja pela admiração ou rejeição, pelo apoio ou pela crítica, pela presença ou pela ausência, de alguma forma o pai se mantém fortemente presente na vida dessas mulheres. Se ele consegue auxiliar o desenvolvimento da filha, promovendo a segurança dela por meio de apoios, incentivos, respeito, limites e valores, ela terá dentro de si as bases para construir e avançar em seus caminhos. Se, ao contrário, ele não consegue promover esses aspectos na filha, o percurso que ela irá traçar exigirá mais esforços criativos e, muitas vezes, exigirá a busca dessas características em outro representante do Pai, como por exemplo, um pai social ou cultural.

O pai e seus representantes servem como auxiliares para a mulher no seu desenvolvimento psíquico. Observamos que os vínculos estabelecidos com o pai podem contribuir positiva ou negativamente para a maneira como a mulher vai atuar na vida. O que irá promover a diferença é a forma como ela estabelece sua relação com o pai pessoal. Constatamos que a característica individual de cada mulher lhe permite o filtro necessário para a separação do pai e para o seu desenvolvimento pessoal.

Para a mulher ainda prisioneira de complexos parentais, a dificuldade de crescimento psíquico é grande. A luta para a realização do próprio caminho é árdua, pois, além das metas necessárias para traçar seu percurso, é preciso força interna para romper com atitudes inconscientes, com pressupostos estabelecidos e com heranças psíquicas familiares. A luta interna é necessária para romper com padrões criados numa família, sejam eles positivos ou negativos.

É preciso que a mulher esteja conectada consigo mesma, com seu universo feminino para que consiga se diferenciar do Pai interno.

REFERÊNCIAS

- CARTER, B. (1992). "Fathers and Daughters". In: SCULL, C. S. *Fathers, sons, and daughters – exploring fatherhood, renewing the bond*. Los Angeles: Jeremy P. Tarcher,
- COLMAN, A. e COLMAN, L. (1995). *O pai: mitologia e papéis em mutação*. São Paulo: Cultrix.
- FARIA, D. (2003). *Paternidade e individuação*. In: III CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICOLOGIA JUNGUIANA. Salvador, Brasil, CD-ROM.
- GARCIA, A. C. F. (2006). *Da relação pai-filha à profissional mulher: um estudo qualitativo com mulheres adultas jovens numa abordagem junguiana*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC.
- GRIMBERG, L. (2006). *Jung: o homem criativo*. São Paulo: FTD.
- JACOBI, J. (1957). *Complexo, Arquétipo, Símbolo na Psicologia de C.G. Jung*. São Paulo: Cultrix.
- JUNG, C. G. (1998). "O significado do pai no destino do indivíduo". In: *Freud e a psicanálise*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- (1988) *Aion: pesquisa sobre a fenomenologia do inconsciente*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- KAST, V. (1997). *Pais e filhas mães e filhos*. São Paulo: Loyola.
- LEONARD, L. (1998). *A mulher Ferida: em busca de um relacionamento responsável entre homens e mulheres*. São Paulo: Summus.

- LEONARD, L. (1994). "A redenção do pai". In: DOWNING, C. (org.). *Espelhos do Self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. São Paulo: Cultrix.
- LIMA FILHO, A. (2002). *O pai e a psique*. São Paulo: Paulus.
- SCULL, C. S. (1992). *Fathers, sons, and daughters- exploring fatherhood, renewing the bond*. Los Angeles: Jeremy P. Tarcher.
- STEIN, M. (1979). "O Pai Devorador". In: HILLMAN, J. et. al. *Pais e mães: seis estudos sobre o fundamento arquetípico da psicologia da família*. São Paulo: Símbolo.
- VON-DER-HEYDT, V. (1979). "O Pai na Psicoterapia". In: HILLMAN, J. et. al. *Pais e mães: seis estudos sobre o fundamento arquetípico da psicologia da família*. São Paulo: Símbolo.
- WHITMONT, E. (1994). *A Busca do Símbolo*. São Paulo: Cultrix.
- ZOJA, L. (2005). *O pai: história e psicologia de uma espécie em extinção*, São Paulo: Axis Mundi.